Efeito Pawel

Cineasta polonês oscarizado por Cannes com 'Ida' e celebrado de novo em Hollywood com 'Guerra Fra' transforma 'A Terra Do Meu Pai', sobre o legado de Thomas Mann, num sucesso

Agata Grzybowska/Divulgação



Hanns Zischler e Sandra Hüller em 'A Terra do Meu Pai', de Pawel Pawlokowski

Aleksandra Modrzejewska/Divulgação



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Ao custo de US$ 10 milhões, o cinema europeu, em conexão com a plataforma MUBI, forjou, em P&B, um gigante de apenas 82 minutos para desbravar um terreno de filmes autorais em que a porção independente dos Estados Unidos, o Japão, a Coreia do Sul e rincões da América Latina — como México e Colômbia — vêm batendo pesado: a seara do cinema adulto, espaço em que "A Terra Do Meu Pai" ("Fatherland") hoje reina galante e soberana.

Escolhido pela Polônia para representá-la na corrida pelo Oscar, o longa traz na direção a grife de Pawel Pawlikowski. A produção saiu de Cannes, onde disputou a Palma de Ouro e terminou entre os vencedores do prêmio de Melhor Direção, dividido entre o realizador polonês e a dupla espanhola Los Javis, responsável pelo fenômeno comercial "A Bola Preta" ("La Bola Negra").

O cenário escolhido por Pawlikowski é a literatura, mas ele fez questão de afastar, numa resposta áspera ao Correio da Manhã, na Croisette, qualquer definição do filme como uma ode à escrita ou à prosa. "Eu me interesso por pessoas e, neste pano de fundo da História, encontrei personagens que eu poderia explorar bem", afirmou.

Em 2018, o realizador alcançou um ponto alto em sua travessia pela ala da autoralidade fílmica com "Guerra Fria", história de amor (também filmada em preto e branco) que lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção em Cannes e uma indicação ao Oscar de Melhor Realização. É difícil pensar no cinema de Pawlikowski sem evocar o legado do russo Boris Barnet (1902-1965), realizador de preciosidades como "À Beira do Mar Azul" (1936), que introduzia humor na aspereza das relações afetivas. O cineasta polonês trabalha com matéria dramática semelhante: os afetos atravessados por tensões históricas, as relações familiares que sobrevivem às rupturas e a dificuldade de conciliar intimidade e mundo. Esse elemento, por vezes cortante, conduz sua nova produção, centrada no escritor Thomas Mann (1875-1955), Prêmio Nobel de Literatura, e em sua filha Erika (1905-1969), também escritora.

> *"Eu me interesso por pessoas e, neste pano de fundo da História, encontrei personagens que eu poderia explorar bem"*
>
> **PAWEL PAWLIKOWSKI**

A impressionante semelhança de Hanns Zischler com Thomas Mann, alcançada pela caracterização, parece devolver à vida o autor de "A Montanha Mágica". Igualmente notável é o encontro desse mito da literatura alemã com Sandra Hüller, que interpreta Erika. Os dois percorrem uma Alemanha ainda marcada pela devastação da Segunda Guerra Mundial, em uma viagem atravessada pelo luto e pela necessidade de compreender o que restou de um país e de uma família. O preto e branco sublinha aquilo que os personagens não conseguem dizer. É uma espécie de engasgo recorrente no cinema de Pawlikowski. Vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional por "Ida" (2013), o realizador encontrou nessa composição visual uma linguagem capaz de atravessar fronteiras e aproximar diferentes culturas, inclusive a literária.

Sem reverência paralisante, Pawlikowski passa de personagem em personagem, atento às contradições de cada um. Erika é uma das figuras mais fascinantes desse percurso. Filha mais velha de Thomas Mann, foi atriz, jornalista, escritora e ativista política, assumindo uma posição frontalmente antifascista ainda nos primeiros anos da ascensão nazista. Em 1933, fundou o cabaré político Die Pfeffermühle, espaço de sátira contra Adolf Hitler e o totalitarismo. A iniciativa contribuiu para obrigá-la ao exílio poucos meses depois. Cosmopolita, irreverente e intelectualmente inquieta, Erika tornou-se uma das vozes mais ativas da resistência cultural alemã no exterior. Trabalhou como correspondente de guerra e manteve uma colaboração intensa com o pai durante os anos de afastamento da Alemanha.

Também está presente Klaus Mann (1906-1949), irmão mais novo de Erika, vivido por August Diehl em uma participação breve, mas marcante. Escritor precoce, homossexual assumido em uma Europa cada vez mais conservadora, Klaus transformou a própria existência em uma batalha contra o autoritarismo, a hipocrisia burguesa e os conflitos de sua geração. Sua obra mais conhecida, "Mephisto" (1936), é uma denúncia contundente da complacência de artistas e intelectuais diante do nazismo, inspirada em figuras reais do teatro alemão que colaboraram com o regime. Exilado durante boa parte da vida, morreu por suicídio em Cannes, em 1949, aos 42 anos. Sua trajetória, marcada por lucidez política, depressão e autodestruição, acrescenta outra camada de inquietação à história dos Mann.

Thomas, o patriarca, permanece como um dos nomes fundamentais da literatura europeia moderna. Autor de obras monumentais como "Os Buddenbrook" e "Doutor Fausto", recebeu o Nobel de Literatura em 1929 e se tornou um intérprete privilegiado da decadência espiritual da burguesia alemã. Inicialmente conservador, evoluiu politicamente ao longo das décadas e se transformou em uma das vozes intelectuais mais importantes na denúncia do nazismo durante o exílio. Sua escrita, marcada por ironia, sofisticação filosófica e profundidade psicológica, investigou os conflitos entre arte e vida, razão e desejo, disciplina e decadência. São tensões que atravessaram também a história íntima de sua família e que Pawlikowski encontra no convívio entre pai e filha.

"Distraídas pela tecnologia, com a cara enfiada no celular, as plateias de hoje perderam a conexão com a simplicidade, o que me levou a querer construir uma narrativa que pudesse ser sintetizada pela lógica das histórias de afeto e de troca sentimental. Uma história sobre a perseverança do carinho, num espaço mediado pela tolerância possível", disse. A declaração ajuda a compreender a delicadeza com que trata os Mann: em meio à turbulência histórica, o que lhe interessa é a possibilidade de preservar um vínculo.

Ao longo de mais de duas décadas, Pawlikowski construiu uma das filmografias mais consistentes do cinema europeu contemporâneo. Sua estreia na ficção em longa-metragem, "Last Resort" (2000), foi reconhecida com o BAFTA de Melhor Estreia Britânica. Depois vieram o intimismo sentimental de "Meu Verão de Amor" (2004), a deriva existencial de "A Mulher do Quinto Andar" (2011) e o rigor austero de "Ida", que levou o Oscar para a Polônia. Seu cinema se caracteriza por enquadramentos rigorosos, silêncios densos e uma pulsação histórica que nunca sufoca a intimidade dos personagens.

O cineasta rejeita, porém, a nostalgia como método de interpretação do passado. "Não faço uma narrativa nostálgica nos meus filmes, nem na idealização nem na demonização do passado. O passado tem seu lugar. A Polônia de ontem tem seu lugar. O meu lugar é outro: é o lugar de uma língua que, mesmo numa diáspora pelo mundo, preserva-se em sua identidade nacional, como memória de corpos, de sensações", diz. "Filmo a História atento a seus ruídos".